



*Entre Duas Bandeiras*¹ de Henrique Teixeira de Sousa: traços para a identidade cabo-verdiana

*Entre Duas Bandeiras by Henrique Teixeira de Sousa:
features to a Cape verdean's identity*

PAULO FIGUEIRA

Universidade de Lisboa – Lisboa – Portugal



Resumo: Numa época em que o mito da identidade volta a pairar na luminosidade ocidental, o romance histórico de Henrique Teixeira de Sousa *Entre Duas Bandeiras* foca as linhas mestras de uma sociedade ilhoa, edificada a partir de dois mundos distintos, Europa e África, dando particular ênfase à determinação individual do ser cabo-verdiano.

Palavras-chave: Identidade; Cultura cabo-verdiana; Cultura portuguesa

Abstract: In a time that the myth of identity is brought up into the western luminosity, the Henrique Teixeira de Sousa historical novel *Entre Duas Bandeiras* focuses the guiding lines of an islander society, established on two different worlds, Europe and Africa, particularly emphasizing the Cape verdean individual determination.

Keywords: Identity; Cape verdean culture; Portuguese culture

“Em cada um dos antigos espaços potencialmente lusófonos e hoje política e economicamente autónomos, a afirmação identitária subdetermina todos os reflexos e o destino inteiro das respectivas culturas na plenitude das suas diferenças.”

(EDUARDO LOURENÇO, *A nau de Ícaro*, p. 179)

Cabo Verde, nos finais do séc. XX, alcançou a sua independência política, após séculos de domínio português. Na altura, vivia-se o final de 60 anos de Estado Novo que deixara marcas na sociedade portuguesa europeia e nas sociedades ultramarinas.

Até aos anos 70, o exército português conteve a situação. No entanto, a 25 de abril de 1974, dá-se, em Lisboa, o golpe que deitaria por terra a ditadura salazarista.

Uma das alavancas responsáveis pelo derrube do regime foi precisamente a guerra colonial. O Movimento das Forças Armadas (MFA) tomou o poder em Lisboa, com os compromissos de efetuar a transição para a democracia e de (cor)responder à ânsia de independência das províncias ultramarinas.

Cabo Verde encontrava-se, então, num impasse. O arquipélago não se envolvia abertamente no confronto armado, embora as suas iniciais figurassem na bandeira do PAIGC – Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde – liderado por Amílcar Cabral. À questão da independência aliam-se outras duas alternativas: a da união política com a Guiné-Bissau, ou a de continuar como território português, com um estatuto equivalente ao das autonomias dos arquipélagos da Madeira e dos Açores.

Os três assuntos expostos são o enfoque da obra de Henrique Teixeira de Sousa, *Entre Duas Bandeiras*. O médico, nesta obra, (re)visitará as questões da afirmação política da cabo-verdianidade. Tentaremos abordar a identidade construída do cabo-verdiano, se existe ou não uma cumplicidade que o afirme como irmão do guineense (elemento africano) ou será que se encontrará mais perto do europeu, uma vez que o arquipélago, geograficamente situado na costa ocidental africana, se encontrava deserto

¹ Sempre que nos referirmos à obra de *Entre duas Bandeiras*, em alguma citação, será entre parênteses, através da abreviatura *EDB*, seguida do número da página. A edição que utilizámos para a conceção deste artigo é a seguinte: SOUSA, Henrique Teixeira de, *Entre duas Bandeiras*, Mem Martins: PEA, s.d.

à data do achamento e foi povoado, simultaneamente, por brancos e negros.

O tempo percorrido entre o momento histórico da Revolução dos Cravos e a independência política de Cabo Verde, no ano de 1975, funcionará, em certa medida, como o tempo do esclarecimento e do reconhecimento do ser único que se constitui o cabo-verdiano. Do seu povoamento resultou a mestiçagem da raça, da cultura, da língua e dos costumes, o que o tornou produto de dois mundos antagónicos, que encontraram nas ilhas a harmonia.

Em Henrique Teixeira de Sousa, as ilhas vivem um dos momentos mais conturbados da sua História recente. A realidade ficcional histórica e a memória serão os auxiliares da identidade construtora da história e do reconhecimento da terra aliada ao homem. É uma terra que se apresenta consciente do ser, do espaço e do tempo.

Hoje, passados 36 anos sobre essa data (5 de julho de 1975), competir-nos-á compreender esse evento, que separou as ilhas de Portugal, mas também da Guiné. No romance, a emancipação em relação ao bloco africano é-nos dada, entre outras ocasiões, pelas palavras de Epifânio, um natural de Cabo Verde, pró-português, que numa carta escrita a Gaudêncio, conta da sua prisão e da cumplicidade de um guarda que o ajudou a fugir. Epifânio refere-se ao guarda nos seguintes termos (SOUSA, 180): “*Um dia, um guarda que falava o crioulo da Guiné*”. Apesar das condicionantes que o discurso desta personagem pode oferecer, aquele crioulo a que se refere não é o crioulo da sua identificação cultural, é uma linguagem que extravasa a cabo-verdianidade, e é reconhecido como a linguagem do “outro”. Daí que o acontecimento de 5 de julho de 1975, seja, muitas vezes, adjetivado, ao longo da obra em análise, como um acontecimento “político”, visto que a emancipação cultural do cabo-verdiano ocorrera antes da ideia da independência. No meio do mundo lusófono, as ilhas souberam reconhecer-se a si próprias, reconceber-se e afirmarem-se por entre os demais territórios, na sua maneira peculiar de serem, receberem e serem recebidas pelo mundo.

Encontraremos uma sociedade de matriz afro-europeia, que despoletará o debate acerca de um futuro imediato que acarretará consequências a longo prazo no percurso de Cabo Verde. Essas matrizes serão debatidas a partir dos acontecimentos que agitarão o coração da ilha de São Vicente, a cidade do Mindelo e respetivos espaços, onde se movem personagens características dos diversos extratos sociais das ilhas, desde os sonhos mais discretos até à mais eufórica manifestação da sua identidade, sempre sondada por uma questão de consciência histórica e existencial.

Questões como a bandeira portuguesa, a língua, os heróis pátrios, o *modus faciendi* da revolução dentro da revolução maior que assola as várias sensibilidades do “império” até à própria dúvida dos que pugnam pela causa do PAIGC, reportam o leitor para uma interpretação dos

factos históricos. Existe uma envolvimento e identificação com o quotidiano das personagens, em que se sente que o futuro político das ilhas terá de ser feito pelo próprio insular.

1 Traços envoltos

“Politicamente se justificava esse reencontro com o continente africano, (...). Mas, sob o ponto de vista objectivo e científico, essa reafricanização de Cabo Verde seria inviável uma vez que se não é aquilo que se quer ser mas aquilo que se é na realidade.”

(HENRIQUE TEIXEIRA DE SOUSA, in *Cabo Verde – Encontro com escritores*, p. 204)

Ao facto de a cabo-verdianidade ter atingido uma emancipação cultural anterior à política, não são alheias algumas particularidades da história do arquipélago, referidas anteriormente: o povoamento distinto em relação aos outros dois arquipélagos portugueses situados a norte; a presença simultânea do elemento branco e do elemento negro; e a condição de entreposto comercial entre a África, a América e a Europa. Destas premissas resulta a “criação” do mestiço.

No séc. XIX, dá-se o tempo áureo do Porto Grande do Mindelo, precisamente a cidade onde se desenrola a ação da narrativa. A prosperidade adveio dos ingleses terem instalado um cais de carvão para abastecimento dos grandes vapores.

Ao Porto Grande, cabe-nos juntar a imprensa. Cabo Verde foi um dos primeiros territórios lusófonos a receber o prelo, o que é um vetor impulsionador da expansão cultural e da circulação das ideias, tornando a busca da identidade algo que se pode debater, transmitir e divulgar. Por outro lado, o arquipélago apresenta uma das mais altas taxas de escolarização na África Portuguesa, e tem contacto com as revistas e publicações europeias.

A formação de uma elite cultural tornou-se inevitável no início do séc. XX, com o movimento dos claridosos, cujos mentores, Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, empregam novas temáticas e estilos ao sentir do escritor das ilhas.² Os claridosos trouxeram à cultura

² Pires Laranjeira explica, em *De Letra em Riste*, Porto, Edições Afrontamento, 1992, os propósitos deste movimento: *A geração da Claridade resolveu olhar à sua volta e rebuscar o passado, ao mesmo tempo que recusava a tradição literária portuguesa mais anquilosa, para assumir a lição da modernidade, sobretudo a realista. A busca das raízes antropológicas e culturais, manifestada no gosto pela etnografia e pela filologia do crioulo e ainda pela valorização da criatividade popular, com a recuperação dos motivos da “finaçom”, da morna e dos contos populares, que se efectuou logo nos primeiros números da revista, essa busca nativista, que não podia ser medievalista, acompanhou o interesse crescente pela modernidade literária portuguesa (o modernismo, a Presença), pelo realismo nordestino do Brasil (Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego) e pelo neo-realismo português nascente.* (p. 22-23)

cabo-verdiana novos caminhos por desbravar, nomeadamente, a literatura brasileira (Jorge Amado, Lins do Rego, Graciliano Ramos, Amândio Fontes e Ribeiro do Couto), e as novas formas importadas da *Presença*.

A antropologia e a etnografia acompanharam os claridosos, que procuravam nas ilhas, mais precisamente no liceu, onde Baltasar Lopes era professor de Português e de Latim, os futuros atores nessa busca da identidade cabo-verdiana. Henrique Teixeira de Sousa, aluno de Baltasar Lopes, revela esse sentimento: “Éramos obviamente leitores assíduos da *Claridade*. [...] *Era a ânsia de descobrir a nossa identidade cultural*”.³

A busca da identidade é uma busca/consciencialização de si próprio, da sua individualidade que constituirá com outras individualidades a identidade coletiva de um povo. A identidade não existe por si só, pois trata-se de uma construção cultural edificada pelos indivíduos que nela se integram.⁴ Nesta ótica, um dos auxiliares do passado é a memória, a capacidade mnemónica de (auto) reconhecimento. A capacidade de memória tem um valor coletivo, em que o papel da comunicação é fulcral na consciencialização e na união do grupo, uma vez que é a partir da transmissão que trocamos experiências e, por sua vez, “identificações”.

Jan Assmann, ao se referir à construção da “memória coletiva” em Maurice Halbwachs, foca a importância à referência temporal e espacial, uma das vertentes a explorar em *Entre Duas Bandeiras*.⁵ Outros apontamentos interessantes do mesmo autor centram-se nas figuras da memória, i.e., as situações para a permanência dessa memória num elo entre espaço, tempo e coletivo:

Essa è dunque concreta non solo spazialmente e temporalmente, ma anche in relazione all'identità: cio significa che essa si riderisce esclusivamente alla prospettiva di un gruppo reale e vivo. I concetti di spazio e di tempo della memoria collettiva si pongono in un rapporto vitale e denso di affetti e valori com le forme di comunicazione del gruppo corripodente.⁶

Resultará, assim, a tríade poder / memória / esquecimento, em que os dois últimos dependem do primeiro,

³ Michel Laban, *Cabo Verde – Encontro com Escritores*, v. 1, Porto: FEAA, s.d., p. 167. O sublinhado é nosso. Verificaremos *infra* a importância do espaço do Liceu do Mindelo no desenrolar da ação de *Entre duas bandeiras*.

⁴ Jan Assmann, *La Memoria Culturale*, trad. Francesco de Angelis, Torino: Biblioteca Einaudi, 1997, p. 99-101. De referir que este autor divide o «eu» em duas esferas: a da *identidade individual* e a da *identidade pessoal*. A primeira compreende a imagem que reúne todos os traços individuais que distinguem o “eu” dos “outros”. A segunda é a capacidade de entender e almejar uma integração social do indivíduo. Temos, assim, a constituição do indivíduo.

⁵ Idem, p. 13-14.

⁶ Ibidem, p. 15.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 45.

⁸ Maria Rosaria Turano, “Diaspora Capoverdiana a Lisbona: Memoria Letteraria e Memoria Rituale: Appunti da una Ricerca”, in *Africana Miscellanea di Studi Extraeuropei*, Pisa, Edizioni ETS, 1997, p.155.

o que se torna mais relevante em regimes politicamente opressores.⁷ Em *Entre Duas Bandeiras*, quando se interroga se o novo poder não terá características totalitárias, a exemplo do antigo, a tríade estará presente, na medida, em que é o caráter oficial do poder que determina a representação de um povo.

Maria Rosaria Turano, ao referir-se à diáspora cabo-verdiana, aborda a obra *Entre Duas Bandeiras*, com as seguintes palavras:

*Gli altri romanzi sono ambientati nell'isola di S. Vicente. L'ultimo, Entre Duas Bandeiras, scritto negli anni '80 e pubblicato nel 1994, lo si potrebbe definire “la memoria politica”. Con questo romanzo l'autore abbandona il suo terreno narrativo preferito (Fogo) e focalizza S. Vicente, isola nella quale l'autore viveva all'epoca della proclamazione dell'indipendenza, avvenuta dopo la rivoluzione dei garofani e l'avvento della democrazia in Portogallo. Con questo volume lo scrittore apre il dibattito su una questione delicata, quella del passaggio dei poteri dal vecchio regime coloniale al nuovo stato indipendente. Con la presa del potere del P.A.I.C.G. [sic] riemergono, attraverso la “finzione” romanzesca, questione politiche che, forse, sarebbe interessante dibattere.*⁸

A importância deste tipo de romance abre-se com a questão da identidade num mundo em constante mutação e com os presentes movimentos migratórios em busca de melhores condições de vida. É necessário assentar o papel individualizado de cada homem, de cada cultura e de cada memória (coletiva ou individual), num mundo recente que prima pelo movimento e pelo confronto com o “outro”, ser pertencente a outras cultura e memória, numa salutar coabitação, daí a reminiscência das raízes e do “eu”, enquanto entidade individual e simultaneamente coletiva.

Do nosso ponto de vista, a ficcionalização da História, operada por Teixeira de Sousa em *Entre Duas Bandeiras*, serve os propósitos descritos. Sendo da História, este romance histórico tem por objetivo a consciencialização da cabo-verdianidade, tendo em perspetiva um futuro inserido num mundo acentuadamente envolvente, em que o contributo de cada identidade coletiva é um meio de afirmação e de integração.

As palavras do Dr. Vicente Spencer, quando se preparava para partir para Lisboa são disso elucidativas, no enalço da teoria de Jan Assmann, um exercício de pura metalinguagem:

Afinal havia motivações mais sublimes do que as quezílias políticas. A afirmação individual não é pecado. A valorização colectiva deve começar pela valorização individual. O contrário é inversão de valores, é mera utopia. (*EDB*, 191)

2 Traços premeditados

2.1 As personagens

As personagens marcarão indubitavelmente os espaços frequentados e por eles serão igualmente marcadas. O espaço da memória reveste-se, nas personagens, no confronto da memória individual destas, enquanto tal, com a memória coletiva e com os traços da memória do próprio autor,⁹ subentendido em diversas personagens, que expressam as suas vivências e pensamentos, naqueles espaço e tempo.

O romance histórico, subgénero em que se insere esta obra, tratará de confluir personagens de ficção com acontecimentos pertencentes à realidade factual, mas que agora são inseridos numa realidade ficcional. As diversas personagens cruzam-se com acontecimentos como: a transição para a independência, as resoluções do PAIGC, as manifestações, o derrube das estátuas, a lusofobia, a procura da identidade. No cruzamento do discurso da ficção, debater-se-ão as opções a tomar, numa narração omnisciente e extradiegética, em que o discurso ulterior redimensionará e conduzirá, perante o leitor, o curso dos acontecimentos.

Entre Duas Bandeiras utiliza como enredo a vida de Gaudêncio “de nha Eufémia” para colocar em foque as questões que preocuparam os cabo-verdianos no período de tempo imediato ao 25 de abril de 1974. Esta personagem almeja conseguir ser sócio do Grémio Recreativo do Mindelo, clube que reúne a nata da sociedade. Sendo alguém originário da parte pobre da cidade (Salinas) e que subiu a pulso na vida, através da panificação e do comércio, pretende vir a ser reconhecido pela sociedade, na qual

fez por se integrar como membro ativo e participativo. É uma personagem sem grandes pilares políticos, que não seja o bem-estar da sua família. Caracteriza-se por ser um bom homem, pleno da convicção que pelo trabalho e dedicação conseguiria proporcionar a recompensa de uma vida. As suas preocupações políticas prendem-se com o facto de a conjuntura poder fazer com que se esfume o sonho de ser sócio do Grémio. E, sempre que interpelado sobre política, responde silabicamente e sem grandes argumentos, tentando ser fiel aos seus intentos. A sua caminhada para o Grémio exigia que educasse a esposa, tendo contratado, para o efeito, o professor Adalberto. Mirandolina, esposa de Gaudêncio, revelou-se uma mulher inteligente, que poderia ser admitida no liceu. Foi alguém que soube tirar partido da situação, e que numa composição, elogiada estruturalmente pelo explicador, se denunciou “pró-Portugal”, posição que favorecia os intuítos do marido e consequentemente da família.

Gaudêncio tenta andar rodeado de gente ilustre e frequentadora do Grémio, como são os casos do Dr. Vicente Spencer e do Dr. António Delgado. A conjuntura vivida naquele tempo oferece, porém, um espinho com que Gaudêncio não contava: as questões da independência/ autonomia, da união à Guiné-Bissau (ou não), e a própria estratificação da sociedade.

Apenas no final da história é que Gaudêncio se apercebe que o valor da sua entrada no Grémio, face aos acontecimentos, é o equivalente a “zero”, e, quando as outras figuras que poderiam fazer frente aos intentos do PAIGC são ostracizadas, Gaudêncio apercebe-se da sua pouca relevância: – *Eu tenho, assim, tão pouca importância que nem sirva para ser mandado para o Tarrafal?* (EDB, 195).

As outras duas personagens mencionadas *supra*, Vicente Spencer e António Delgado, são diferentes. O Dr. Vicente Spencer, responsável pelo espaço do hospital do Mindelo, reúne características apaziguadoras próprias do espaço mediático que gere. É a personagem que melhor gere e aproveita em prol dos seus nobres princípios o que a situação oferece ao povo de S. Vicente, como foi o caso da epidemia de cólera, em que o médico se recusa a colaborar com o PAIGC, na tentativa de aproveitamento político do que uma epidemia poderia oferecer no ataque cerrado à administração portuguesa. No desenrolar dos eventos é ele o pêndulo que orienta muitas das personagens.

Vicente Spencer é, em nosso entender, o encarnar da memória e da personagem do próprio Henrique Teixeira de Sousa, o médico que viveu este período conturbado no Mindelo, antes da sua retirada para Lisboa, tal como acontece na p. 191 com o Dr. O sobrenome inglês explica igualmente esta ligação, uma vez que o pai de Teixeira de Sousa possuía um nome inglês, John.¹⁰ É também curioso o facto de na referida página o narrador soltar a seguinte

⁹ Vd. Maria Rosario Turano, “Memória e Identidade nos Contos de Teixeira de Sousa (para uma Antropologia da Literatura)”, doc. Electrónico (www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_19.pdf) e Maria Rosario Turano, “Diáspora Capoverdiana a Lisboa: Memoria Letteraria e Memoria Rituale”, in *Africana Miscellanea di Studi Extraeuropei*. Embora a autora se refira a outras obras de Teixeira de Sousa, não deixa de ser relevante a sua interpretação das memórias associadas à escrita deste autor cabo-verdiano: *Em Teixeira de Sousa, a modalidade da expressão da recordação é a narrativa escrita: a lembrança é pessoal, mas ela torna-se também porta-voz duma memória colectiva*, in “Memória e Identidade nos Contos de Teixeira de Sousa (para uma Antropologia da Literatura)”, doc. Electrónico (www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_19.pdf).

¹⁰ O pai de Teixeira de Sousa possuía a nacionalidade americana, tal como o próprio médico. Por isso, Spencer, no nome do Dr. Vicente, poderá ser um indicio dessa sua ligação (vd. Michel Laban, *Cabo Verde – Encontro com Escritores*, v. 1, p. 182). Na mesma página, Teixeira de Sousa explica-nos o sentimento da diáspora para um cabo-verdiano e da sua contínua relação com a terra de origem, a que mais à frente apelidará de “Mátria”: *Assim, eu nasci com direito à cidadania americana. Ele [o pai] e todos que procuravam a sua sobrevivência nos Estados Unidos tinham vantagens incalculáveis em se tornarem cidadãos americanos, a começar pela possibilidade de colocarem a família, incluindo os irmãos, naquele país. Era e continua a ser uma naturalização por conveniência, como acontece em Portugal, por exemplo, cuja maioria dos emigrantes adopta a nacionalidade do país de acolhimento. O fenómeno é idêntico. Razão por que não me incomoda o facto de não possuir um passaporte cabo-verdiano. Sou o que sou e não o que um papel oficial declara.* (p. 182)

frase sobre o médico: *E se um dia viesse a escrever um livrinho sob o título “Rumores do meu Hospital”?*

António Delgado é um idealista, que, por vezes, é a imagem de um papagaio,¹¹ alguém a quem lhe foi dada uma cassete e sobre mais não sabe problematizar. É o eterno apaixonado pela Dr^a Vínia, o seu grande amor, desde os tempos do Liceu, uma acérrima defensora da portugalidade e da sua presença e continuação nas ilhas. Compreende-se a razão de o edifício do Grémio ser a antiga casa dos pais da Dr^a Vínia, onde esta passou a sua infância. O Grémio é, de facto, o espaço da bandeira portuguesa.

Voltando ao Dr. António Delgado, a figura do papagaio tem a ver com o facto de vislumbrarmos uma personagem pró-independendista, mas que, apesar de ser formado, quando interpelado, precisamente pela Dr^a Vínia, sente-se inibido ou nem sabe contrapor, sendo apanhado pelas teias do paradoxo, que é um dos artifícios do discurso da eterna amada.¹² O outro pilar do descalabro de António Delgado é esse amor de rapaz de Liceu, que nunca teve oportunidade de crescer e que amadureceu somente no seu peito, ao longo da idade e da ausência da amada, por isso, aparece como um cinquentão celibatário (*EDB*, 33), embora, no decorrer da ação, confesse ter um filho. Esta personagem é o exemplo dos que queriam a independência e seguiam o que o partido lhes ditava, mas que revelavam dificuldades na justificação dessas diretrizes quando contrapostas à maturidade identitária cabo-verdiana. António Delgado guarda um dos traços de Teixeira de Sousa, quando este, enquanto estudante e membro da Juventude Comunista na clandestinidade, distribuía o *Avante*.¹³

A Dr^a Vínia exemplifica a resistência aos ventos de mudança, quase como uma velha guarda, que se opõe ao destino pretendido para as ilhas. É casada, tem filhos e vive em Lisboa (*EDB*, 34). Funciona como a memória portuguesa nas ilhas, a identificação com o gene europeu da formação de Cabo Verde. É o elemento feminino que representa a portugalidade que fisicamente parte, e que no entanto não poderá abandonar intrinsecamente o universo psíquico e mítico das ilhas e respetivas populações, a exemplo do que acontece em relação a António Delgado. Quando este se reúne com Herberto Ramos e Vicente Spencer, alheia-se da conversa por causa da memória

da Dr^a Vínia (*EDB*, 179), tal como a portugalidade acompanha Cabo Verde desde a sua aurora.

O professor Adalberto ensina a Mirandolina as letras e os números para que possa frequentar o Grémio e conversar com as esposas dos outros ilustres. Este personagem pró-independência revela uma faceta moderada, não vivendo numa lusofobia, como disso é reveladora a sua afirmação sobre a língua portuguesa, enquanto espaço de afirmação do cabo-verdiano na enorme e voraz “aldeia global”:

Atenção a esse português. Com independência ou sem independência, **o português é o nosso canhão de longo alcance**, ao passo que **o crioulo é espingarda de matar pardais** (*EDB*, 125).¹⁴

A determinação e visão de Adalberto são pronunciadas pela forma como ele ultrapassa as suas dificuldades na escola, no seu tempo de aluno, através de um livro intitulado *O Mundo na mão* (*EDB*, 31), o que se poderia aplicar às suas palavras sobre a função da língua portuguesa em Cabo Verde.

Herberto Ramos, professor, é outro entusiasta da causa da independência. O seu discurso na Câmara foi um dos sustentáculos que a multidão precisava para se exaltar com o objetivo da emancipação política. No fim da diegese, encontramos, contudo, o Dr. Herberto Ramos no seu escritório numa conversa com o Dr. Vicente e o Dr. António Delgado, abordando o previsível mau encaminhamento da questão da independência por parte do PAIGC. Este episódio faz a ponte com as palavras proferidas na Câmara Municipal, no Dia do Trabalhador:

Não devemos, pois, limitar-nos a uma perspectiva de campanário ou perspectiva de paróquia, mas sim colocar os nossos problemas no âmbito universal (...). Deve também ser um dia de reflexão e de consciência universal. De consciência e de consciencialização, ao mesmo tempo (*EDB*, 26).

O epílogo do seu pensamento dá-se quando sintetiza:

vejo muito apetite totalitarista a estragar o acontecimento do 25 de Abril, muito revanchismo!, [...]. Estou muito decepcionado com estes meninos barulhentos, implicantes, intolerantes, impositivos, avessos ao diálogo sereno, construtivo (*EDB*, 176).

Dirceu de Miranda é o representante do PAIGC no Mindelo. É alguém que revela pouca preparação cultural, moral e que participa de algumas das atrocidades que o partido comete (p.36). No Eden Park, o seu discurso, em contraponto com o Dr. Vicente Spencer, representa um exercício de retórica e de aproveitamento político da situação, falando mais alto o desejo de independência a qualquer custo, justificada pelos catorze anos de guerra

¹¹ No texto de *Entre Duas Bandeiras* refere-se o episódio em que António Delgado observa Vínia dizendo que ele parecia um papagaio pelo seu péssimo gosto em matéria de combinação de roupa (p. 90).

¹² Por ser uma pessoa de princípios firmados, a Dr^a Vínia não poderia deixar de se manifestar contra a independência, a partir do momento que, segundo ela, advinha de uma incoerência: *O que mais ela [Dr^a Vínia] estranhava era a incoerência anti-democrática da revolução dos cravos* (*EDB*, 92).

¹³ Confessa-o, Teixeira de Sousa, em *Cabo Verde – Encontro com escritores*, v. 1, p. 188, tal como António Delgado em *Entre Duas Bandeiras*, p. 81.

¹⁴ Grifo nosso.

nas matas da Guiné, do que a solução para a falta de água e de víveres que assolava constantemente o horizonte das ilhas. O discurso de bom senso do Dr. Vicente Spencer é literalmente atropelado pela exaltação das façanhas dos guerrilheiros, culminadas com a célebre “Independência ou Morte” (*EDB*, 35-39). O ridículo desta personagem perpetua-se até ao episódio em que alguns populares vêm pedir-lhe satisfações sobre os cabo-verdianos presos e deportados para Lisboa e Tarrafal pelo PAIGC com o consentimento dos militares portugueses na ilha. A cena enche-se de ironia pelo facto de os militares não conseguirem esclarecer a situação e, por isso, os populares dirigem-se a Dirceu de Miranda com o intuito de compreenderem a situação, o que se revelou infrutífero, uma vez que não sabia de nada e voltou a remeter os interlocutores para os militares (*EDB*, 188). O partido, através desta figura, apresenta desorganização e um certo desconhecimento da realidade cabo-verdiana, pois no Grémio sempre se disse que: – *A Junta de Salvação Nacional considera o caso de Cabo Verde um caso especial* (*EDB*, 22).

Epifânio é a vítima do “apartheid” praticado pelos cabo-verdianos contra os próprios cabo-verdianos por causa da não aceitação das políticas do PAIGC. Preso por disparar dois tiros para o ar, com o intuito de dispersar a multidão, Epifânio acaba por chegar ao hospital do Dr. Vicente Spencer, onde é recuperado, e de onde foge com a ajuda de Gaudêncio. É o homem da diáspora, que escreve a este seu amigo a contar da(s) sua(s) aventura(s), desde a fuga das ilhas, à saudade e a marca dos destinos de emigração: Europa e Brasil. O seu discurso é feito com marcas da estranheza cultural em relação à Guiné.

O líder da União Democrática de Cabo Verde (UDC), Feliciano Monteiro, desempenha o papel de oposição às reivindicações do PAIGC. Nem sempre temos um conhecimento direto da sua ação, tomando informação indireta por parte das outras personagens. Acaba por ser detido, após a decisão do PAIGC, de se ver livre dos moderados e daqueles que ainda questionavam a independência, estatuto que já havia sido alcançado pelos acordos com Portugal.

Djunga é um ourives com um espírito mordaz. Enigmáticamente, aparenta saber sempre mais do que diz. Personagem de poucas conversas, as suas palavras roçam o gozo e a sátira, em relação à situação vivida no arquipélago e aos desejos das pessoas ligadas ao Grémio. No entanto, não deixa de farpear, quer seja o leitor, quer seja as outras personagens: *Bem dizia Djunga que o Porto Grande se parecia com um gigante morrendo lentamente* (*EDB*, 18). Ele avisa que o melhor seria arranjar uma vedação para o espaço do Grémio, o que é um indício do imediato assalto a este edifício.

Marcolino Leite é o tipo de pessoa que consegue uma adaptação a qualquer tipo de regime. Fascista antes de abril, pró-independência e filiado no PAIGC depois, provando que os extremos não são difíceis de se encontrar. É comerciante de profissão e os seus princípios de vida vão ao encontro da sua ocupação profissional: saber vender para sobreviver. É um dos modelos de Gaudêncio Pereira.

Palapinha é um octogenário amigo de Gaudêncio, a quem é fiel até ao fim. É um espírito divertido que aproveita as ocasiões festivas para ter o seu pé de dança, de que são testemunhas as festas de São João. A sua sobrevivência económica está intimamente ligada ao tráfego do Porto Grande do Mindelo, e é ele que, graças à idade avançada, transporta a memória do Porto.¹⁵ Não tolera injustiças, nem quem interfira com os seus propósitos.

A maior parte destas personagens é apelidada de “mondrongos” e de “cachorros de dois pés”, marca da sua moderação e fuga à lusofobia, constatada no discurso dos manifestantes pró-PAIGC.

2.2 Os espaços

Os espaços refletirão as preocupações em relação à transição para a independência. Preocupações que moraram na própria vida do autor, adepto da independência e da moderação, no encontro com o passado e respetivas raízes:

Ora, eu não via que essa unidade [Guiné-Bissau / Cabo Verde] fizesse o mínimo de sentido dada a **disparidade dos valores culturais entre os dois países**. (...)

Outra discordância foi eu ter advogado uma **independência neutra**, tanto em relação a Leste [U.R.S.S.] como em relação a Oeste [E.U.A.]. (...)

A terceira discordância foi o meu combate à **lusofobia**, (...), chegando mesmo a preconizar uma certa colagem ao Portugal politicamente renovado. (...)

Finalmente, aproveito a ocasião para declarar que não me agradou nada o “apartheid” político praticado de início em relação a cabo-verdianos **vivos e mortos**, nados e criados num contexto colonial, inexorável nas suas consequências humanas.¹⁶

¹⁵ António Leão de Aguiar Cardoso Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, Praia/Mindelo, Centro Cultural Português, 2000, pp. 15-20: *Não deixa de ser aliás curioso o facto de este desafio contemporâneo, ainda suspenso e em acto, de desfecho desconhecido, nos reenviar para um passado de quase um século e meio atrás. Este tempo, aparentemente longínquo, arcaico e morto, apresenta-se afinal portador de inúmeros paralelismos com os vivos e prementes problemas da nossa época, isso mesmo salvaguardando a individualidade específica da cada período histórico. (...) Quando no final dos anos 80 [séc. XIX] a intensidade do tráfego transatlântico diminui e a concorrência aumenta, o modelo de desenvolvimento em vigor no Porto Grande mostra-se incapaz de reconversão. A crise económica estimula a formação e a pluralização do campo político.*

¹⁶ Michel Laban, *Cabo Verde – Encontro com Escritores*, v.1, p. 202-203. Grifo nosso.

A citação explica precisamente a direção da luta individual que se reconhece na memória coletiva, no fundo a luta coletiva que redundou na independência neutra de Cabo Verde, o que à luz do nosso tempo demonstrou ter sido a melhor opção.

O espaço, como uma das principais categorias da narrativa que estabelece uma relação ímpar com as outras categorias, é semanticamente um dos principais pilares de interpretação da obra de Teixeira de Sousa. Nele movem-se as personagens, transformando-se em espaço social e espaço psicológico, a partir das descrições e moldagens destas.

As descrições tornam-se importantes e neste livro são, em nossa opinião, fragmentárias, isto é, dispersam-se pela diegese, o que obriga o leitor a construir um itinerário e reconstruir essa chave de interpretação:

Sa première réaction peut être de reconstituer la disposition générale par “cercle concentriques” en partant du point précis où évoluent les personnages, maison, appartement, cabine de navire, jusqu’aux espaces plus lointains qui les enveloppent, remparts d’une ville, ou province, montagnes ou déserts, île ou continent.¹⁷

O título da obra, *Entre Duas Bandeiras*, é a representação do espaço da transição, o espaço psicológico que se concretiza no momento da recolha da bandeira portuguesa e do hastear da nova bandeira, ou seja, entre a revolução de Lisboa e o dia 5 de julho de 1975. Entretanto vive-se o espaço das incertezas, dos sonhos, das decisões, das metamorfoses e até das desilusões, quando os espaços são confrontados com o evoluir da ação e das próprias personagens.

O Grémio Recreativo do Mindelo, a antiga casa dos pais da Dr^a Vínia, é frequentado pela nata da sociedade mindelense. No Grémio discutia-se as diversas saídas políticas para o futuro da nação: estatuto de adjacência, independência neutra, e a união com a Guiné. Em relação a esta terceira hipótese, é a elite do Grémio que fundamenta o afastamento político da Guiné. Não se revela uma lusofobia, e, apesar de alguns sócios defenderem o estatuto de ilhas adjacentes a Portugal, temos a consciência que se veem como um grupo de cariz próprio, distinto da Guiné e de Portugal, embora consigamos perceber que é um local com um forte traço da presença portuguesa.

Era um espaço organizado, em que a luz física e psicológica acompanha as descrições e as mentes dos frequentadores e dos não frequentadores. O brilho que o Grémio exercia é bem definido pela seguinte expressão, com destaque para a forma verbal “fascinava”: *O Grémio fascinava muito cristão.* (EDB, 10).

A queda do Grémio marca o declínio da administração portuguesa, como que acompanhando o espaço psicológico entre duas bandeiras. Representa a transição de poderes, da colonização europeia para uma outra administração.

A decadência acentua-se na parte final da narrativa, quando é tomado pelos adeptos do partido da independência. A luminosidade – tão associada à elite intelectual do Mindelo – decresce progressivamente, culminando com o assalto às instalações da agremiação, Gaudêncio torna-se membro e, por fim, a turba toma o edifício.

O papel do Grémio resume-se a estas elucidativas palavras: *O Grémio era na realidade o bastião da resistência contra a desordem e a violência* (EDB, 140). O que associadas ao discurso do Dr. Feliciano, no quartel e no Grémio, significavam que aqueles que não tinham pegado em armas teriam o direito de se expressar sobre o processo de independência, por serem igualmente cabo-verdianos (EDB, 139).

Ao mesmo tempo que as discussões sobre este assunto se apossavam do ambiente do Grémio, retirando-lhe o brilho inicial, as preocupações de Gaudêncio aumentavam. Não lhe interessavam as decisões políticas, porque o seu único propósito era tornar-se sócio.

O Cemitério de onde foram resgatados os ossos dos pais da Dr^a Vínia, na sua inapelável decisão de abandonar para todo o sempre Cabo Verde, é como se fosse uma tentativa de privar a terra do seu panteão, desprover o filho dos pais. A Dr^a Vínia profere uma frase lapidar acerca da memória coletiva: – *Não achas barbaridade desrespeitar a memória dos homens bons ou ilustres da terra?* (EDB, 79).

A Praça Nova representa o reboiço, o local em que se confrontam as fações. É um espaço aberto, do discurso, da esperança, da intolerância e da manifestação. É neste local que se conspurcam os vates da nação, dos que nasceram cabo-verdianos e dos que elevaram a língua portuguesa pelo mundo, o que associamos à expressão “nosso canhão de longo alcance” do professor Adalberto. É a negação da abertura que torna o PAIGC incompreendido e não suportado pela nata da nação.

Em tempos anteriores, a Praça Nova era o *ex-libris* da cidade, onde se reuniam os poderes do imanente (o município) e do transcendente (religioso). O Grémio situava-se num dos extremos da praça e, por esta via, a elite reunia-se aos demais poderes. Durante as convulsões, a praça desempenha um papel ativo, em que se percebe a balança dos acontecimentos: *Praça Nova era o estuário de todas as alegrias, ao mesmo tempo a balança dos destinos e a Meca das ambições* (EDB, 27).

A Câmara Municipal fica marcada pelo discurso do Dr. Herberto Ramos no Dia do Trabalhador. Foi o

¹⁷ Roland Bourneuf e Réal Ouellet, *L’Univers du Roman*, Paris: PUF, 1995, 6. ed., p. 102.

primeiro local em que a bandeira portuguesa foi rejeitada e substituída pela do PAIGC. Opera-se a uma decadência do poder político, própria do seu processo de substituição, ao que Gaudêncio reflete que os Paços nunca haviam sido tão mal frequentados (*EDB*, 24), o que contrasta com a fantasia de Gaudêncio de entrar pelo tapete vermelho no salão nobre (*EDB*, 12).

Outro acontecimento que irá marcar a vida da Câmara será a anuência do edil em disponibilizar pessoal para suprimir a greve dos trabalhadores do hospital, na altura da epidemia de cólera, o que não merecerá perdão por parte dos adeptos do PAIGC.

No Eden Park deu-se lugar a discursos do PAIGC, em que o Dr. Vicente Spencer se vê confrontado com o irreverente e oportunista Dirceu de Miranda, começando aqui as certezas das dúvidas em relação ao que se passaria (*EDB*, 35).

O Porto Grande do Mindelo representa a decadência económica de S. Vicente. Associado ao comércio e respetiva sobrevivência das ilhas. No início da narrativa, Palapinha e Gaudêncio têm a oportunidade de comerciar com um navio que atracara para se abastecer de víveres. Então Gaudêncio faz o negócio das tintas e Palapinha, que vira o apogeu do Porto, ficou entusiasmado com a oportunidade e pensou no reatar do tráfego. Perto do fim da narrativa, a esperança no Porto reacende-se (*EDB*, 165)

Dos enunciados recolhidos, o que melhor estabelece a comparação entre o Porto e as ilhas é o seguinte: *Se o Porto Grande era o pulmão por onde respirava Cabo Verde, que seria das ilhas sem a protecção de Portugal?* (*EDB*, 29). A questão levanta-se, no plano do narrador, ao interrogar-se sobre o vazio de barcos que se verifica no momento, e a não preocupação dos independentistas no que concerne à resolução dos problemas do porto. É um local sombrio, a exemplo de um cemitério, e a principal atividade é assistir, impotente, à partida dos filhos da terra.

A Rádio Barlavento, situada no Grémio Recreativo do Mindelo, era o órgão de informação que fazia frente ao caos vivido. Passava os comunicados da UDC e do PAIGC, o que enervava o último. A tomada do Grémio e da Rádio foi o ponto culminante desses atritos, levando à fuga final de muitos cabo-verdianos para outros territórios. Apesar de ser um espaço adjacente ao Grémio, o Dr. Herberto Ramos pronuncia-se assim, quando questionado sobre a ocupação da Rádio Barlavento e do Grémio:

Quanto à Rádio Barlavento, apesar de apêndice do Grémio, tenho a dizer que ela não estava a comportar-se mal. Tanto difundia as notícias duns como doutros. Acho que estava a ter um comportamento muito democrático (*EDB*, 176).

O Hospital é o espaço da mediatização. Associado à figura do Dr. Vicente Spencer, aparece aos olhos do leitor

como espaço da justiça, da moderação, da verdadeira preocupação com o povo, como a concretização do pensamento político. Os dois episódios mais sugestivos do papel do hospital para o coletivo são o internamento dos militares e a epidemia de cólera. Do ponto de vista particular temos os internamentos de Epifânio e de Gaudêncio. Epifânio serviu-se do espaço do hospital para fazer justiça à sua condição, pois acabara de ser preso e aproveitou para fugir. Gaudêncio não revelou a coragem do primeiro e não fugiu, nem foi preso.

O Liceu é o espaço do conhecimento e da descoberta do próprio ser humano. António Delgado associa-o constantemente à descoberta de Vínia. É também no Liceu que o Dr. António Delgado leciona, e onde angariou o estatuto de pessoa distinta no Mindelo. Representa o fascínio e o reconhecimento do próprio autor para com os mestres que lá encontrara, entre outros, Baltasar Lopes, e pelo despertar da consciência e identidade nacionais, que o inscreveram nos adeptos da independência neutra.

O Tarrafal continua a ser o espaço sombrio e desolador para os prisioneiros. A prisão que nunca deixou de sê-lo. Ironicamente, o narrador relata-nos uma evolução deste espaço, quando o PAIGC tem a independência como um dado adquirido. Chegam notícias aos familiares dos presos:

afinal estavam a ser bem tratados e alojados nos bungalows turísticos, junto à praia, deitados em boas camas e alimentados com refeições decentes. As condições de encarceramento eram sem dúvida muitíssimo melhores do que as do tempo do fascismo (*EDB*, 193).

No fim, a cidade volta a ser calma: *sem mais comícios, sem mais ameaças, sem mais escritos nas paredes, sem mais prisões* (*EDB*, 194). O caos voltou a ser um cosmos, renascido das cinzas dos tempos conturbados, resultado do efeito catártico.

A confluência destes espaços encarna, além do espaço físico, o espaço psicológico. Desde a degradação, fisicamente verificável, de alguns expoentes do anterior poder dominante até à degradação psicológica das personagens, com as várias saídas políticas para a situação e com o clima de terror que se vive com as ações do partido da independência, com as suas constantes recusas à análise de Cabo Verde em relação à Guiné-Bissau, e o desrespeito pelo sentimento da situação cabo-verdiana:

Acham que tudo está devidamente planeado, (...), cabo-verdianos e guineenses irmanados pelo mesmo ideal, e portanto de acordo permanente e definitivo com essa unidade, para além da luta, ao passo que nós outros, (...), não temos o direito de meter a nossa colher de pau na gamela que eles prepararam (*EDB*, 177).

3 Traços finais

Pela escrita a identidade cabo-verdiana emancipa-se. É essa identidade que reclama uma independência neutra fruto dos cruzamentos culturais em pleno Atlântico. O espaço aberto do mar, associado à rudeza da terra, e à miscigenação da raça, proporcionou ao ilhéu o encanto da sua experiência existencial bifurcada entre a Europa do colonizador e a África da força do trabalho. Por estes motivos compreende-se a natureza particular do Arquipélago de Cabo Verde.

O aparecimento destes apontamentos na literatura cabo-verdiana pós-independência, quer parecer estar entrosado com o objetivo de voltar a dar um sentido às letras das ilhas, i.e., segundo palavras de Germano Almeida, os motivos identificatórios dos escritores de Cabo Verde até à independência revelaram-se no desejo de auto-determinação expresso, no querer fazer frente ao poder do colonizador, e o querer identificar a cabo-verdianidade perante os blocos europeu e africano. O período posterior a 1975 revelou-se estéril, fazendo com que a literatura decaísse, uma vez que a luta tinha passado. O período atual, o da inserção do arquipélago nos ventos da globalização, veio aflorar as questões da identidade, com a necessidade de reviver os marcos importantes dessa luta única do arquipélago. Hoje, Cabo Verde debate-se com questões como a língua (português ou crioulo, para não referirmos o francês que advém da sua situação geográfica), a sua zona de influência em África (perto do Senegal e da Guiné Conakri), a relação com a lusofonia, a influência da diáspora na ilhas.¹⁸

Os planos do PAIGC para Cabo Verde não se verificaram na sua totalidade, graças à força e certezas interiores do povo, e o confronto com a personagem

histórica de Amílcar Cabral, que biologicamente representava a união com a Guiné (era filho de mãe cabo-verdiana e de pai guineense), não era motivo para a aceitação sem discussão da conjugação da identidade cultural com a identidade política. O romance de Teixeira de Sousa é fértil nesse confronto das identidades política e cultural e, a partir de elementos iluminados conotados com o PAIGC, como é o caso do Dr. António Delgado, estabelece-se a crise de identificação com os propósitos guinéus, causando a reflexão individual e coletiva da situação vivida em Cabo Verde por analogia com a da Guiné.

O cemitério de onde a Dr^a Vânia resgata as ossadas dos pais, filhos da portugalidade presente nas ilhas, caracteriza a diferenciação do território. Talvez se soubesse que a opção seria pela neutralidade, que desaguará numa interculturalidade vincada, a Dr^a Vânia deixasse os restos mortais dos progenitores, naquele panteão não conspurcável que representava o cemitério. A antítese é precisamente feita na figura de José Lopes, desonrado pelo busto, respeitado na memória do cemitério (*EDB*, p. 121).

Do proposto, os objetivos sobre o estudo da identidade cabo-verdiana no livro de Henrique Teixeira de Sousa foram alcançados, justificando o rumo que as ilhas tomaram no pós-abril, com as diferentes perspetivas de uma sociedade e identidade que apenas derramou sangue após esse momento histórico do séc. XX português (*EDB*, 82) e são descritas nos seguintes termos: *As ilhas eram ilhas de paz, jamais de violências, de vinganças, de medo, de ódio, de má vizinhança* (*EDB*, 40).

Recebido: 26/05/2012

Aprovado: 21/07/2012

Contato: pcvfigueira@gmail.com

¹⁸ Michel Laban, *Cabo Verde – Encontro com escritores*, v. 2, p. 630-631.